

**FONTES E DOCUMENTOS HISTÓRICOS EM LIVROS DIDÁTICOS
BRASILEIROS E CUBANOS**

ANA LUIZA ARAÚJO PORTO
Instituto Federal de Alagoas
aluizaporto@uol.com.br

O texto que ora apresentamos é parte de nossa Tese de Doutorado desenvolvida no Programa de Educação da Universidade Federal de Sergipe, que tem como título Livros Didáticos de História: uma História Comparada Brasil e Cuba (2013-2015). Um dos objetivos de nossa tese era analisar os conteúdos conceituais substantivos e meta-históricos nos livros didáticos de História da Escola de Ensino Médio dos dois países. A perspectiva de nosso trabalho se sustentou nos argumentos que utilizamos para justificar uma História Comparada Brasil e Cuba, ou seja, nas relações que o Brasil tem mantido com os países do continente, em especial com Cuba. A comparação se deu entre as dezenove coleções brasileiras do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2015 e a coleção cubana que estava em uso no ano de 2015. Neste texto nos propomos em analisar os chamados conteúdos conceituais meta-históricos, mais precisamente os conceitos de fontes e documentos.

A História tornou-se disciplina escolar e saber científico no século XIX como um ramo do conhecimento que tinha como objetivo principal narrar os feitos da Nação¹. Foi na emergência do método histórico, dos sistemas nacionais de ensino europeus e também da consolidação dos arquivos públicos que a disciplina foi se configurando como área do conhecimento. Ao longo dos séculos XIX e XX, a História sofreu mutações que modificaram suas questões de pesquisa e a relação entre a objetividade e a subjetividade, que em última instância se desdobra na questão da ideia de verdade na História. Nesse sentido, o que era considerado matéria-prima para o trabalho do historiador em fins do século XVIII e no século XIX modificou-se substancialmente, sobretudo nos anos de 1930 com a chamada Escola dos Annales e também com a História Social Inglesa de orientação marxista nos anos de 1950 e 1960. Se antes apenas documentos oficiais do

¹ FURET, François. **A Oficina da História**. Lisboa: Gradiva, s.d.

Estado eram considerados matéria-prima de trabalho do historiador, a partir dos Annales os documentos históricos passaram a ser todo e qualquer registro da experiência humana no tempo que pudesse servir como fonte para o trabalho do historiador. Jacques Le Goff², em seu livro *História e Memória*, ao definir o que seriam documentos históricos, afirma que eles são na verdade o somatório daquilo que as sociedades permitiram preservar como registro da experiência humana e das seleções feitas pelo historiador.

Dessa forma, ele faz uma distinção entre documentos e monumentos, sendo os monumentos todo vestígio do passado e os documentos as seleções feitas pelo historiador desses vestígios do passado. Ele advoga a importância do estabelecimento da Crítica Histórica não apenas como um ramo que deve garantir a autenticidade do documento, mas como uma etapa do Método Histórico que deve dar conta da problematização das condições de produção e das relações de poder envolvidas na elaboração desses artefatos.

Le Goff define o que seriam os documentos históricos da seguinte maneira:

O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite, não existe um documento-verdade. Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF: 2003, p. 538)

Para além de ser uma das etapas de desenvolvimento do Método Histórico que se chamava Crítica Histórica e que tinha como principal questão definir se o documento era verdadeiro ou uma falsificação, Le Goff³ aponta que mesmo os documentos que são autênticos têm relações de poder que precisam ser colocadas em questão. Ele afirma claramente que sabemos do passado exatamente aquilo que as sociedades do passado nos permitiram conhecer. O que nos leva a concluir sobre a razão de ter prevalecido por séculos uma “História vista de cima”. Se para a História acadêmica o manuseio dos

² LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

³ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5ª Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

documentos históricos configura uma questão basilar e imprescindível, na História escolar sua presença é relativizada. É recente no Brasil o movimento que incorpora nos livros didáticos a necessidade de trabalho e manuseio com documentos históricos no aprendizado da História.

De onde advém tal necessidade de manuseio de documentos históricos no ensino? Certamente da tentativa de construção de uma História escolar que pautar a ideia de que a História é um saber em construção, que se faz e refaz através do trabalho sistemático do historiador, utilizando fontes e documentos históricos. Na escola, o manuseio dos referenciais de trabalho do historiador, que são essenciais na construção da narrativa histórica, permite o desenvolvimento das habilidades que situam os sujeitos na perspectiva da relação do passado com o presente e as projeções de futuro.

Neste texto em específico, trataremos de analisar os conceitos meta-históricos de **fontes e documentos históricos** que se apresentam nos livros através de texto escrito e imagem. Não estamos nos referindo à narrativa escrita principal apresentada pelos livros – que é uma fonte histórica por excelência –, mas aos textos que aparecem em separado, em caixas ou com algum tipo de destaque, e que não foram escritos pelos autores dos livros.

Considerando as assertivas de Le Goff acerca do que vem a ser documento histórico – e nesse sentido ele deixa claro que é a seleção feita pelo historiador que define o que é considerado documento. Com isso, utilizaremos esse argumento para justificar que nem todo o texto que aparece em separado no livro, nem toda imagem, são necessariamente documentos e fontes históricas. É o trabalho do professor que define qual o lugar destes artefatos na condução do processo de ensino e aprendizagem.

Trabalhamos com a ideia de que todo documento histórico é uma fonte para a História, mas nem toda fonte histórica é necessariamente um documento histórico. Podemos observar nos livros brasileiros em análise uma variedade múltipla nos achados que podem vir a ser problematizados como fonte histórica. Os suportes apresentados são: fotografias, charges, mapas, gravuras, desenhos, pinturas, gráficos, músicas, trechos de livros, matérias de jornal.

Como os livros brasileiros acompanham em alguma medida a ideia do currículo quadripartite francês, que organiza a História a partir das divisões entre História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea, observamos que: quanto mais o conteúdo apresentado está cronologicamente próximo ao Tempo Presente, mais predomina, do ponto de vista da imagem, a fotografia como fonte histórica por excelência; nos livros cubanos, encontramos basicamente: mapas, desenhos, gráficos, fotografias, trechos de livros e de discursos de personagens históricos.

Do ponto de vista da imagem, como já afirmamos anteriormente, os livros brasileiros são mais arrojados, são impressos em cores, enquanto os livros cubanos estão em preto e branco.

Ainda que as coleções de livros brasileiros⁴ afirmem a filiação a uma ideia de História que não está mais centrada nos grandes homens e seus feitos no tratamento dos conteúdos, as imagens que podem vir a ser problematizadas como fontes históricas presentes nos livros se reportam em muitos casos aos grandes líderes. Por exemplo, no caso da Revolução Russa, dezessete coleções trazem imagens que remetem a Vladimir Lênin, Leon Trotsky e Joseph Stalin. Apenas duas coleções, *Ser Protagonista* e *História Global Brasil e Geral*, não trazem nenhuma imagem que remeta aos personagens históricos anteriormente citados.

Longe de serem tributárias de uma História dos grandes vultos, estas dezessete coleções corroboram a ideia de que as imagens são parte da construção da Memória Histórica. Nesse sentido, ainda que a Revolução Russa seja um acontecimento de dimensões coletivas, é inegável que se construiu uma memória da Revolução em torno de tais personagens, tendo destaque as imagens que remetem a Vladimir Lênin e Joseph Stalin. Os livros trazem ainda problematizações acerca do fato de que a Memória Histórica foi manipulada para tornar invisíveis alguns personagens e fatos, como o caso em que Joseph Stalin autoriza o apagamento de Leon Trotsky de fotografias russas.

⁴ Realizamos tal afirmação baseados no Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 Ensino Médio História. O Guia traz na avaliação das coleções uma parte específica em que se detalha como o conhecimento histórico está configurado nos livros: BRASIL. **Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 Ensino Médio História**. Brasília: Ministério da Educação/ Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/ Secretaria de Educação Básica, 2014.

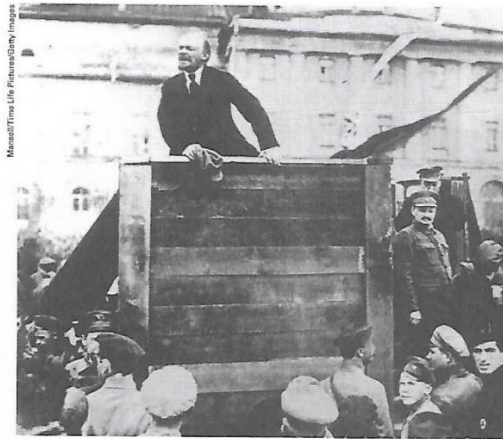
Podemos afirmar, baseados no Guia PNLD 2015, que as coleções brasileiras não se propõem a fazer uma História dos grandes vultos, enquanto a coleção cubana afirma que os livros são construídos também para pôr em evidência “as figuras representativas” dos processos históricos trabalhados nos livros didáticos, sobretudo aqueles processos ligados à construção da nação cubana. No entanto, ao tempo em que a escrita didática dos livros brasileiros se apoia na presença de imagens de personagens históricos da Revolução Russa, a coleção cubana não traz nenhuma imagem que remeta aos personagens citados na construção da escrita didática da História.

A *Coleção Nova História Integrada* traz a problematização acerca das manipulações na construção da Memória Histórica feita por Josef Stalin. A sequência de fotografias reproduzidas a seguir demonstra o que estamos argumentando:



(Coleção Nova História Integrada/ 3º ano, página 56)

A *Coleção História em Movimento* também problematiza a construção da Memória Histórica numa fotografia em que Vladimir Lênin faz um discurso, enquanto Leon Trotsky observa a multidão. A foto a seguir é a foto original, a qual Stalin autorizaria tempos depois sua manipulação para a retirada de Leon Trotsky (observar legenda da fotografia):



O líder revolucionário Lenin discursa para uma multidão na praça Sverdlov em maio de 1920. À direita, ao lado do palanque, pode-se ver Leon Trotsky, cuja imagem foi posteriormente apagada da foto a mando de Stalin, que pretendia, assim, extinguir da memória popular o papel de Trotsky na Revolução Russa.

(Coleção História em Movimento/ 3º ano, página 33)

No caso da Revolução Cubana, a construção da escrita didática se utiliza de imagens que remetem aos personagens históricos Fidel Castro e Ernesto Che Guevara. Apenas as coleções *Por Dentro da História* e *História em Movimento* não trazem nenhuma imagem que remeta aos personagens antes citados.

A *Coleção Ser Protagonista* constrói a escrita didática sobre a Revolução Cubana priorizando a dimensão política. Nesse sentido é compreensível que as fotografias apresentadas remetam a líderes políticos. Como é o caso da fotografia a seguir onde são apresentados guerrilheiros que participaram do processo revolucionário, tendo como figura central Fidel Castro:



A partir da esquerda, Raúl Castro, Juan Almeida, Fidel Castro, Ramiro Valdés e Ciro Redondo, líderes da Revolução, reúnem-se em Sierra Maestra, Cuba, c. 1958.

(Coleção Ser Protagonista/ 3º ano, página 141)

A *Coleção História: cultura e sociedade* também reforça a presença de lideranças políticas na construção da Memória Histórica. A foto a seguir traz dois personagens que marcaram a construção da narrativa sobre a Revolução Cubana, Fidel Castro e Che Guevara:



(Coleção História: cultura e sociedade/ 3º ano, página 217)

A Coleção Cubana também se utiliza da fotografia como apoio da escrita didática e como forte componente na construção da Memória Histórica, sobretudo para corroborar a ideia de que a Revolução teve grande apoio popular. Um dos principais instrumentos de diálogo do governo cubano com a população foram os discursos⁵ de Fidel Castro na Praça da Revolução em Havana. Nos quase cinquenta anos em que Fidel esteve à frente do país, ficaram famosos seus pronunciamentos que duravam horas. Nesses discursos, Fidel atualizava a população sobre os rumos que ia tomando a Revolução Cubana, tanto do ponto de vista político quanto econômico.

A fotografia a seguir é de 1960 e trata do discurso feito por Fidel Castro na Praça da Revolução em Havana, que ficou conhecido como Primeira Declaração de Havana, na qual o governo cubano denunciava a ingerência estadunidense em Cuba através da Organização dos Estados Americanos (OEA), em virtude da aproximação com a União

⁵ Os discursos que ajudaram a construir a legitimidade do processo revolucionário foram estudados por Giliard Prado em seu doutoramento cuja referência segue: PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da memória: estratégias de legitimação da revolução cubana (1959-2009)**. Tese de Doutorado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

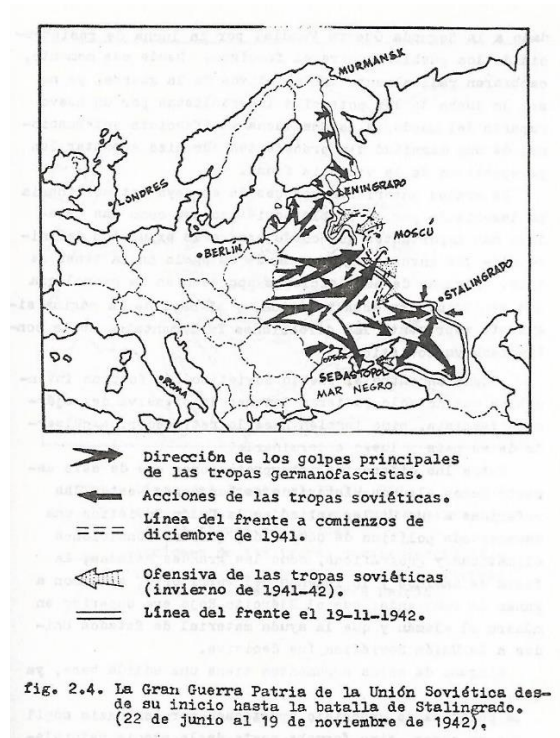
Soviética. Essa tentativa de intervenção em Cuba acabou se transformando na expulsão do país da OEA:



Fig. 6.11 Primera Declaración de La Habana

(Historia de Cuba/ 3º ano, pagina 341)

Na coleção cubana, as principais fontes históricas imagéticas apresentadas dizem respeito sobretudo às fotografias e aos mapas. No capítulo que trata da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, os mapas se apresentam como fundamentais na escrita didática à medida que situam como se desenrolaram os combates e também como a guerra alterou a configuração geopolítica do continente. A seguir, apresentamos um mapa do livro *Historia Contemporánea*, ele trata dos confrontos entre alemães e soviéticos ao longo da Segunda Guerra Mundial:



(Historia Contemporánea/ 1º ano, pagina 113)

No próximo mapa são evidenciadas as mudanças geopolíticas na Europa após findar a Segunda Guerra Mundial:



fig. 2.8 Cambios territoriales en Europa después de la Segunda Guerra Mundial.

(Historia Contemporánea/ 1º ano, pagina 131)

No que tange aos textos escritos trazidos pelos livros que não fazem parte da narrativa principal e podem vir a ser problematizados como fonte histórica encontramos nos livros brasileiros músicas, trechos de livros, matérias jornalísticas e resoluções institucionais. A *Coleção História para o Ensino Médio* traz uma seção em seus capítulos chamada *Fonte Histórica*, em que o conceito de fonte aparece como sinônimo de documento histórico. O exemplo que trazemos a seguir é na verdade um recorte da Lei das Doze Tábuas, na qual surge uma discussão acerca do Direito na Roma Antiga:

FONTE HISTÓRICA
Lei das Doze Tábuas
Nona Tábua – Do Direito Público

1. [...] Não proponham leis contra os particulares. [Ou seja, que não se façam leis contra indivíduos.]
[...]
3. [...] Se um juiz ou um árbitro, por um direito concedido, receber uma recompensa em vista de decisão judicial, seja réu de morte. [Os juízes corruptos serão condenados à pena capital.]
4. [...] Quanto ao foro do cidadão, não levem o fato, a não ser para o comício centuriado. [Somente o Comício das centúrias poderá julgar o cidadão.]
[...]

In: VEIGA, Janio Celso Silva. *Lei das doze tábuas: linguagem e contexto*. São Paulo: USP, 2008. 111 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo.

(Coleção História para o Ensino Médio/ 1º ano, página 87)

A *Coleção História em Movimento* traz seções em que são apresentados trechos de livros que discutem a historiografia do conteúdo abordado e que podem vir a ser problematizados como fonte histórica. O texto a seguir é um trecho do livro *Ecos da Marselhesa* de Eric Hobsbawm em que ele trata do impacto da Revolução Francesa no Mundo:

Os povos podem mudar a história

A Revolução Francesa foi, de fato, um conjunto de acontecimentos suficientemente poderoso e universal em seu impacto para ter transformado o mundo permanentemente [...]. Metade dos sistemas legais do mundo está baseada na codificação legal que a Revolução implantou. [...]

Países tão afastados de 1789, como o Irã islâmico e fundamentalista, são Estados nacionais territoriais estruturados no modelo trazido ao mundo

pela Revolução Francesa, junto com muito de nosso vocabulário político. [...]

A Revolução Francesa deu aos povos a noção de que a história pode ser mudada por sua ação. Deu-lhes também o que até hoje permanece como a mais poderosa divisa jamais formulada para a política da democracia e das pessoas comuns que ela inaugurou: "Liberdade, Igualdade, Fraternidade".

HOBSBAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 124-125.

(Coleção História em Movimento/ 2º ano, página 134)

A *Coleção Oficina de História* ao tratar da questão dos cristãos-novos no Novo Mundo traz o trecho de um texto do livro *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800* de Peter Burke em que se discutem as heresias. O trecho do livro apresentado a seguir trata da cultura dos sapateiros:

A cultura dos sapateiros

"Há também boas razões para se falar na existência de uma cultura sapateira, visto que os sapateiros constituíam um outro grupo letrado e autoconsciente. No século XVIII, 68% dos sapateiros de Lyon sabiam assinar seus nomes, proporção que não os deixa muito atrás dos tecelões. [...] O estereótipo do sapateiro-filósofo remonta pelo menos até Luciano, no século II d.C., mas é fácil encontrar nos inícios da Europa moderna casos reais de sapateiros que, ao invés de se aferrarem às suas fôrmas de sapato, faziam-se remendões de heresias. Jakob Boehme, de Görlitz, na Lusácia, é sem dúvida o sapateiro heterodoxo mais famoso desse período, seguido por Gonçalo Anes Bandarra, português do século XVI, cujas profecias foram levadas a sério durante séculos, apesar de ter sido preso pela Inquisição e ter abjurado de seus erros. Bandarra não foi o único sapateiro português do século XVI a se tornar famoso pelas suas opiniões religiosas. Luís Dias, de Setúbal, foi julgado, em 1542, por ter se proclamado messias, e o 'santo sapateiro' Simão Gomes fez suas profecias no final do século XVI. A heterodoxia desses três homens pode ser explicada pela experiência de 'cristãos-novos', descendentes de judeus; já a dos outros sapateiros, não. [...] O que os sapatos têm a ver com heresias e revoluções? Talvez seja simplesmente porque essa atividade sedentária oferecia tempo livre para refletir sobre a vida — era o equivalente urbano do pastoreio de carneiros."

BURKE, P. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 64-65.

PARAPHRASE ET CONCORDANCIA

DE ALGVAS PROPHE-
cias de Bandarra, çapateiro
de Trancoso.

Por Dom IOAN DE CASTRO.

GONCALLE-ANNEZ



Gravura extraída do frontispício da obra de d. João de Castro, *Paraphrase et Concordancia de algvas prophecias de Bandarra, çapateiro de Trancoso*, 1603. Edição fac-símile, Porto, 1901.

(Coleção Oficina de História/ 2º ano, página 52)

A escrita didática cubana se apoia menos na presença de documentos históricos, seja em forma de texto ou imagem ao longo do desenvolvimento dos capítulos. Isso tanto pode ser explicado pelas diferentes concepções de História em questão, quanto pelas diferenças nas teorias de ensino e aprendizagem que sustentam estes materiais didáticos e também nas limitações orçamentárias que o país vivencia. Ainda que se utilize menos de documentos históricos na construção da escrita didática, podemos dizer que eles não estão completamente ausentes da coleção. Por exemplo, o livro *Historia de Cuba* traz trecho de um discurso de Fidel Castro, quando da chegada em Santiago de Cuba em 01 de janeiro de 1959, em que se inicia de fato a tomada do poder pelos revolucionários. Segue o trecho do discurso anteriormente mencionado que está presente no livro didático cubano e pode ser problematizado como uma fonte histórica sobre a Revolução Cubana:

Al fin hemos llegado a Santiago. Duro y largo ha sido el camino, pero hemos llegado. [...] La Revolución empieza ahora; la Revolución no será una tarea fácil, la Revolución será una empresa dura y llena de peligros, sobre todo, en esta etapa inicial [...] No creemos que todos los problemas se vayan a resolver fácilmente, sabemos que el camino está trillado de obstáculos, pero nosotros somos hombres de fe, que nos enfrentamos siempre a las grandes dificultades [...] La república no fue libre en 1895 y el sueño de los mambises se frustró a última hora; la Revolución no se realizó en 1933 y fue frustrada por los enemigos de ella. Esta vez la Revolución tiene al pueblo entero, tiene a todos los revolucionarios, tiene a los militares honorables. ¡Es tan grande y tan incontenible su fuerza, que esta vez el triunfo está asegurado!³

³ Fidel Castro Ruz: "Discurso pronunciado en el Parque Carlos Manuel de Céspedes", de Santiago de Cuba, el 1ro. de enero de 1959.

(Historia de Cuba/ 3º ano, pagina 312)

Este documento revela que os testemunhos dos guerrilheiros foram fundamentais na construção da Memória Histórica sobre a Revolução Cubana, tanto na escola quanto fora dela. Essa memória também tem sido elaborada com a ajuda de uma Política de Memória que se construiu no país através da afixação de gigantescos cartazes nos espaços públicos da ilha, onde os valores da Revolução são continuamente exaltados.

Do exposto, podemos afirmar que tanto os livros cubanos quanto os livros brasileiros se apropriaram das fontes e documentos históricos como componente essencial na construção da escrita didática da História. As diferenças estão calcadas no fato de que Cuba trabalha e convive com uma narrativa histórica única – o que limita o acesso aos documentos históricos apresentados –, enquanto no Brasil os livros podem estar situados em narrativas históricas mais plurais, desde que respeitem o ordenamento jurídico brasileiro e a pesquisa histórica, alargando as possibilidades de apresentação e trabalho com fontes e documentos dos mais variados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLOCH, Marc. **Por una Historia Comparada de las sociedades europeas**. Centro Editor de América Latina, 1963.

BRASIL. **Guia de Livros Didáticos PNLD 2015 Ensino Médio História**. Brasília: Ministério da Educação/ Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/ Secretaria de Educação Básica, 2014.

BRASIL. **Edital de Convocação 01/2013 CGPLI. Edital de Convocação para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático PNLD 2015**. Brasília: Ministério da Educação/ Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação/ Secretaria de Educação Básica, 2013.

CAIMI, Flávia Eloisa; STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **O Livro Didático de História do Ensino Médio: critérios de avaliação e documentos curriculares**. Revista Educação em Questão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Vol. 54, nº 41. Natal, mai/ago, 2016.

CUBA. **Programas Humanidades: Educación Preuniversitaria**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 2015.

FURET, François. **A Oficina da História**. Lisboa: Gradiva, s.d.

GOTT, Richard. **Cuba: uma nova história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LANGLOIS, Charles- Victor & SEIGNOBOS, Charles. **Introducción a los estudios históricos**. Buenos Aires: Editorial La Pleyade, 1972.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

OLIVEIRA, Itamar Freitas de; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Historiografia didática e prescrições estatais sobre conteúdos históricos em nível nacional (1931-2012)**. Territórios e Fronteiras (Online), v. 6, p. 6-18, 2013.

OLIVEIRA, Itamar Freitas de. **Fundamentos teórico-metodológicos para o ensino de História (Anos iniciais)**. 1º Ed. São Cristóvão: Editora da UFS, 2010.

OLIVEIRA, Itamar Freitas de (Org.). **História regional para a escolarização básica no Brasil: o livro didático em questão (2006/2009)**. 1º Ed. São Cristóvão: Editora da UFS, 2009.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Itamar Freitas de. **Programa Nacional do Livro Didático - PNLD: Processos de uma Política e Possibilidades de Aperfeiçoamento**. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; COSTA, Aryana (Org.). Para que(m) se avalia? Livros Didáticos e Avaliações (Brasil, Chile, Espanha, Japão, México e Portugal). Natal: EDUFRN, 2014.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Livros Didáticos de História: pesquisa, ensino e novas utilizações deste objeto cultural**. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de (Org.). Livros Didáticos de História: escolhas e utilizações. Natal: EDUFRN, 2009.

PRADO, Giliard da Silva. **Guerrilhas da memória: estratégias de legitimação da revolução cubana (1959-2009)**. Tese de Doutorado em História. Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **O Brasil e a distante América do Sul**. Revista de História da Universidade de São Paulo. N° 145. São Paulo, 2001.

PRADO, Maria Ligia Coelho. **Repensando a História Comparada da América Latina**. Revista de História da Universidade de São Paulo. N° 153. Dossiê História das Américas. São Paulo, 2005.

PRADO, Maria Lígia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2006.

PENDÁS, Horacio Díaz. **Objetivos y contenidos de la enseñanza de la Historia: Primaria, Secundaria Básica, Nivel Medio Superior**. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2007.

RODRÍGUEZ, Justo Alberto Chávez. **A educação em Cuba entre 1959 e 2010**. In: Dossiê Cuba. Revista de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, nº 72, volume 25, 2011, p. 45-54.

SOARES, Jandson Bernardo. **Espaço escolar e livro didático de história no Brasil: a institucionalização de um modelo a partir do Programa Nacional do Livro Didático (1994 a 2014)**. 187f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

SOUZA, Kleber Luiz Gavião Machado de. **Conteúdos conceituais nas coleções de História para o Ensino Médio: o que muda e o que permanece com a intervenção do programa nacional do livro didático (1997-2005)**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2011.

VALLS, Rafael. **Os livros didáticos de História: pesquisas atuais e critérios para sua análise e avaliação**. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de; COSTA, Aryana (Org.). Para que(m) se avalia? Livros Didáticos e Avaliações (Brasil, Chile, Espanha, Japão, México e Portugal). Natal: EDUFRN, 2014.

WERTHEIN, Jorge; CARNOY, Martin. **Cuba: mudança econômica e reforma educacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

ZANETTI, Oscar. **Isla en la Historia: La Historiografía de Cuba en el siglo XX**. Fundación Editorial el perro y la rana: Caracas, 2007.

FONTES DOCUMENTAIS DE ANÁLISE:

LIVROS BRASILEIROS

1. Coleção **História em Movimento**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Gislane Campos Azevedo, Reinaldo Seriacopi.
2º Edição. São Paulo: Editora Ática, 2013.
2. Coleção **História Geral e do Brasil**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Cláudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo.
2º Edição. São Paulo: Editora Scipione, 2013.
3. Coleção **Por Dentro da História**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Pedro Santiago, Célia Cerqueira, Maria Aparecida Pontes.
3º Edição. São Paulo: Editora Escala Educacional, 2013.
4. Coleção **História em Debate**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Renato Mocellin, Rosiane de Camargo.
3º Edição. São Paulo: Editora do Brasil, 2013.
5. Coleção **Ser Protagonista**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM.
2º Edição. São Paulo: Edições SM Scipione, 2013.
6. Coleção **História**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria, Jorge Ferreira, Georgina dos Santos.
2º Edição. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.
7. Coleção **Caminhos do Homem**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Adhemar Marques, Flávio Berutti.
2º Edição. Curitiba: Base Editorial, 2013.
8. Coleção **Novo Olhar História**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Marco Pellegrini, Adriana Machado Dias.
2º Edição. São Paulo: Editora FTD, 2013.
9. Coleção **Nova História Integrada**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: João Paulo Mesquita Hidalgo Ferreira, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes.
3º Edição. Campinas: Editora Companhia da Escola, 2013.
10. Coleção **Conexões com a História**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Alexandre Alves, Letícia Fagundes de Oliveira.
2º Edição. São Paulo: Editora Moderna, 2013.
11. Coleção **História: Cultura e Sociedade**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Jean Moreno, Sandro Vieira.
2º Edição. Curitiba: Editora Positivo, 2013.

12. Coleção **História Sociedade e Cidadania**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autor: Alfredo Boulos Júnior.
1º Edição. São Paulo: Editora FTD, 2013.
13. Coleção **História Global Brasil e Geral**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autor: Gilberto Cotrim.
2º Edição. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.
14. Coleção **Conexão História**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autor: Roberto Catelli Junior.
1º Edição. São Paulo: Editora AJS, 2013.
15. Coleção **História**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autor: José Geraldo Vinci de Moraes.
1º Edição. Curitiba: Editora Positivo, 2013.
16. Coleção **História das cavernas ao terceiro milênio**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Patrícia Ramos Braick, Myriam Becho Mota.
3º Edição. São Paulo: Editora Moderna, 2013.
17. Coleção **História**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autor: Divalte Garcia Figueira.
1º Edição. São Paulo: Editora IBEP, 2013.
18. Coleção **Oficina de História**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Flavio de Campos, Regina Claro.
1º Edição. São Paulo: Editora Leya, 2013.
19. Coleção **História para o Ensino Médio**. Volumes do professor 1, 2 e 3.
Autores: Marcos Napolitano, Mariana Villaça.
1º Edição. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

LIVROS CUBANOS

1. **História Contemporânea**. 10º Grau. Nível Médio Superior.
Autores: Manuel Antonio Ramos Cuza, Lourdes Visozo Álvares, Enrique Lama Gómez, Nereida Morejón Valdés.
5º Reimpressão. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2006.
2. **História de América**. 10º Grau. Nível Médio Superior.
Autores: Esteban R. Muro Saíenz, Caridad Álvarez Lago, María Victoria Rodríguez Delgado, Daniel Fernández Díaz.
1º Edição. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2010.
3. **História de Cuba**. 11º e 12º Graus. Nível Médio Superior.
Autores: Susana Callejas Opisso, Oscar Loyola Vega, Horacio Díaz Pendás, Francisca López Civeira, José A. Rodríguez Ben.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

1º Edição. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 2010.